



Este é o nosso Shih Tzu, de três anos, chamado Gumbeh, que amamos muito. Aliás, ele se parece muito com Mimi, de 50 anos atrás.

COMO EU APRENDI A ORAR COM FÉ NO MONTE DAS OLIVEIRAS

Shira Sorko-Ram

Nos meus primeiros seis meses em Israel, eu morei em uma casa no Monte das Oliveiras que pertencia a um amigo da nossa família, o Guardião do Túmulo do Jardim. Infelizmente, ele havia morrido apenas quatro meses antes de eu chegar em Jerusalém, na Guerra dos Seis Dias.

Todas as manhãs eu acordava e abria as persianas da minha enorme janela, que tinha uma visão direta da Mesquita de Omar. Era como um sonho - difícil de acreditar que eu estava ali... no Monte das Oliveiras - a poucos metros de onde Yeshua se colocará quando Ele retornar.

Em 1967, a população árabe ainda estava em choque com a derrocada total e inesperada das forças de ataque jordanianas. Em vez da vitória árabe muçul-

mana que tinham esperado, as Forças de Defesa de Israel derrotaram a Jordânia, o Egito e a Síria e retomaram a antiga terra de Jerusalém, Judeia e Samaria, Gaza, as Colinas de Golã e o Deserto do Sinai. Em apenas seis dias.

Eu percebi que os árabes dirigiam seus poucos carros com muito cuidado e polidez - para não irritar nenhum motorista israelense! Eu podia andar por todo o Monte das Oliveiras, povoado pelos

árabes, e me sentia perfeitamente segura. Mas isso foi antes.

Eu costumava caminhar em direção ao Monte Scopus - que é, na verdade, apenas uma extensão do Monte das Oliveiras. Eu contornava o Hospital Hadasah, que estava em ruínas desde 1948, quando a Jordânia conquistou a Cisjordânia e Jerusalém Oriental; eles haviam destruído tudo o que pertencia à população judaica que vivia lá antes de 1948.

Eu amava olhar da montanha para a região do Mar Morto e, de lá, para a terra de Moabe. Sempre foi uma vista de tirar o fôlego - Jerusalém situada na cúspide das alturas que separam o lado oeste regado até o Mar Mediterrâneo, do Desolado e estéril deserto da Judeia ao leste.

Acreditem ou não, eu tinha trazido comigo dos EUA meu cachorro Mimi. Ele era tão fofo que o piloto do voo da Alitalia convidou a mim e o Mimi para a primeira classe e insistiu para que meu cachorrinho se sentasse livremente na poltrona ao meu lado.

Então Mimi e eu vagávamos pelo Monte das Oliveiras tirando fotos. Em um determinado lugar, eu amarrei o Mimi a um poste, já que todo o Monte estava vazio, não havia ninguém ali, até onde eu podia ver, e eu queria ficar livre, para segurar a minha câmera com as duas mãos.

Depois de algum tempo eu me virei para pegar o Mimi, mas ele não estava mais lá. Eu procurei freneticamente por toda aquela área, mas não havia ninguém ali. Meu cachorro simplesmente sumiu.

Eu me sentei no monte e comecei a chorar e chorar. Eu disse: “Senhor, o Mimi é a única “pessoa” que eu tenho. Ele é tudo o que tenho nessa nova terra. Eu mal conheço alguém aqui, e meu cachorro é tão importante para mim. Senhor, alguém roubou meu cachorro... meu coração estava despedaçado.

De repente eu me levantei e disse a

mim mesma: “Eu vou crer que Deus encontrará o meu cachorro”, e comecei a orar em espírito e a dizer: “Em Nome de Jesus (em 1967, os israelenses ainda não tinham voltado a usar o nome original de Yeshua!) eu te peço, Senhor, que encontre o meu cachorro. Eu sei que o Senhor sabe onde ele está, e declaro em Seu nome que o Senhor vai me levar até o meu cachorro!”



Este é o Mimi, há 50 anos, em Jerusalém. Não dá para ver o rosto dele e eu me pergunto se foi culpa dele ou do fotógrafo.

Eu olhei em volta e ainda não via nenhum ser humano. Comecei a descer a colina na direção da Cidade Velha, orando em meu coração e proclamando com fé que Deus devolveria meu cachorro para mim.

Eu não tinha ido longe quando vi um jovem caminhando, meio quarteirão à minha frente. Eu gritei para ele e ele se virou. Quando eu cheguei perto dele, eu

queria perguntar se ele tinha visto o meu cachorro, mas eu não sabia nenhuma palavra em árabe ou hebraico.

Então eu apenas acenei minhas mãos como se tivesse perdido alguma coisa e comecei a dizer “Arf, arf, arf”. Eu achava que “au, au” não seria algo que um árabe poderia entender.

Ele me olhou por um momento, aí acenou com a mão para eu segui-lo. Ainda no monte ele começou a me levar por becos, de um lado para outro, em torno de uma vizinhança lotada de casas que eu não sabia que existia. Eu declarava vitória com cada fibra do meu ser. Finalmente ele apontou para uma porta e foi embora.

Eu bati. Não houve resposta. Bati mais até que, finalmente, uma mulher vestida em roupas tradicionais árabes abriu a porta. Eu disse: “Arf, arf, arf!” e fiz com as mãos como se eu estivesse carregando um pequeno animal. A mulher balançou a cabeça como que a dizer que não havia entendido. Eu continuei: “Arf, arf, arf!” Minha fé estava em ação e eu não tinha a intenção de deixar aquele lugar sem minha resposta à oração.

Finalmente ela desapareceu por um minuto e voilà! Lá vinha o meu Mimi! Eu sorri para a senhora e, sem esperar por uma resposta, fui embora com o meu cachorro.

Naquele momento eu senti que o Senhor me ensinava claramente uma lição que nunca mais esqueci. Eu O ouvi falar ao meu coração: “Se você tivesse simplesmente ficado sentada no monte chorando e soluçando, não teria conseguido o seu cachorro de volta. Quando você se levantou, fez a sua oração com fé e começou a agir, eu a conduzi até o Mimi.

E Mimi teve uma vida longa em Jerusalém.

Apenas comece a agir! Fé e ação é o que temos vivido por todos esses anos em nosso ministério em Israel. ■

Eliezer Ben Yehuda

Pai da língua
hebraica moderna

Parte 2 - O Visionário

Ben Yehuda e sua esposa, Devora, em 1882, logo após a chegada deles em Jerusalém.

Quando Eliezer Ben Yehuda decidiu deixar a Europa para se mudar para Jerusalém em 1881, não havia uma única pessoa na Terra Santa, ou em qualquer outro lugar do mundo, que falasse o hebraico como sua língua materna. Não existia algo como hebraico falado no dia a dia - apenas palavras para serem lidas na Bíblia e passagens rabínicas.

Mas Eliezer se apaixonou pela língua hebraica. Além disso, ele a via como a ferramenta para recriar um povo judeu unido que retornaria à sua antiga terra natal. Ainda mais estranho, ele parece ter sido o único ser humano no mundo que compreendeu a conexão entre a língua e a terra.

Ele tinha planos de se casar com Devora Yonas, filha de uma família abastada, agora na Rússia, que o adotou

oficialmente quando ele era um órfão de apenas 14 anos. Mas então, para sua grande consternação, aos 23 anos, seus sonhos se despedaçaram quando ele foi diagnosticado com tuberculose. Ele escreveu ao pai de Devora, Solomon, dizendo-lhe que ele não podia mais se casar com sua filha porque o médico disse que ele só teria mais seis meses de vida. Ele acreditava que devia se mudar para Jerusalém e terminar seus dias lá.

Ao receber a carta de Eliezer, Solomon, o pai de Devora, ficou aliviado - para dizer o mínimo. Todos eles amavam Eliezer como parte da família, mas, de maneira nenhuma sua filha se casaria com um homem doente, a caminho de uma terra desolada e distante.

Mas, quando Solomon deu a notícia a Devora, ela não quis nem saber. Ela disse a seus pais que iria se casar com Elie-

zer! Ela havia esperado sete anos para se casar com ele e nada iria impedi-la agora. Sua mãe, Rivka, ficou fora de si. Como ela poderia deixar sua filha ir para aquela terra esquecida por Deus, com um homem moribundo?

ELA PARTIU SEM PASSAPORTE

Surpreendentemente, seu pai finalmente concordou. Ele viu o amor que ela tinha por seu homem, e ele decidiu deixá-la ir. Aquela era uma família realmente notável. Eles providenciaram para que ela se encontrasse com Eliezer, que ficaria em Viena uma semana antes de partir para Jerusalém, e em dois dias ela foi contrabandeada para fora da Rússia, sem um passaporte.

Eliezer estava delirante de alegria. Ele escreveu em seu diário:

“Nem a minha doença, nem uma vida de tristeza, que parecia ser o meu destino, a dissuadiu de seu desejo de compartilhar a minha vida. Nossas vidas haviam se tornado uma só, e havia acabado de surgir a primeira família hebraica dos tempos modernos”.

Quando eles se encontraram em Viena, ele contou-lhe sobre a mudança de direção que sua vida tomara sob a influência de Tchatchnikof, seu mentor católico que transformara o jovem idealista em ativista político. Agora, convencido da verdade de sua visão, ele estava pronto para escrever e publicar suas ideias - todas na língua hebraica que ele ainda estava aprendendo.

FALAR SOMENTE O HEBRAICO!

Ele disse à sua futura esposa: “Devora, você será a primeira mãe hebraica em quase dois mil anos. Nosso filho será o primeiro bebê, em todos esses séculos, que virá ao mundo sem ouvir nada além da beleza da nossa antiga língua!”

E então veio a realidade. Ele disse a ela que havia certas condições para que a missão de sua vida fosse bem-sucedida. Suas palavras para Devora foram algo assim:

“Devo pedir-lhe, Devora querida, que a partir de agora você fale apenas hebraico. Devemos dar um exemplo para o nosso povo, para aqueles que virão após nós. O hebraico precisa viver de novo! Deve tornar-se mais do que apenas uma linguagem de exercício literário! Devemos administrar a nossa casa em hebraico, criar nossos filhos em hebraico, fazer amor em hebraico - e se brigarmos e discutirmos, até mesmo isso, temos que fazer em hebraico”.

Ela respondeu: “Mas eu não sei falar hebraico, querido!” Ele insistiu: “Até que você aprenda - fique quieta em hebraico”. Na mesma hora, ainda na Europa, ele começou a ensiná-la palavras em hebraico. Isto é uma “árvore”, uma “janela”, uma “rua”, uma “lanterna”.

A CAMINHO DE JERUSALÉM

No outono de 1881, o novo casal, acompanhado pelo amigo polonês de Eliezer, Tchatchnikof, parou no Egito e conseguiu um rabino para casá-los.

Eles chegaram em Jerusalém, uma cidade de 25.000 habitantes, dos quais mais da metade era judia. Eles ficaram impressionados com a miséria absoluta da cidade. Esgotos a céu aberto e um fedor em todos os lugares. E eles estavam praticamente sem dinheiro. Mas Devora era uma pessoa tão singular quanto seu marido. O zelo dos profetas tornou-se seu zelo também. Ela era agora a esposa de Eliezer e logo cumpriria o desejo do seu amor. Ela se tornaria a primeira mãe hebraica dos tempos modernos. Ela teria muitos filhos, e eles seriam os primeiros filhos em quase dois milênios a falar o hebraico desde o nascimento!

OUTRO ENCONTRO MIRACULOSO

Devido a vários de seus artigos em hebraico escritos na Europa terem sido publicados em um jornal de Jerusalém, o editor, Dov Frumkin e sua família aguardavam a chegada de Eliezer e sua esposa. Em um desses acontecimentos “casuais”, Frumkin disse a Eliezer que iria viajar por seis meses para vender assinaturas de seu jornal na Rússia e ofereceu-lhe ali mesmo um emprego como editor-assistente. Ele teria um salário equivalente a US\$ 5,00 por mês.

Em um golpe de sorte, Eliezer acreditava que ele teria condições de fornecer um sustento para si e sua esposa e ainda lançar uma carreira jornalística. “A trombeta”, disse ele, “foi colocada em seus lábios para soar uma explosão de libertação”. Ele anunciou: “Eu fui convocado para uma guerra para reconquistar a terra e a língua de Israel”. Esse seria o trabalho de sua vida.

Ele percebeu imediatamente que o maior obstáculo aos seus objetivos era a extrema alienação entre os minúsculos grupos de judeus religiosos



Dov Frumkin, editor de “Havatzet” (O Lírio) em Jerusalém, que ofereceu um emprego a Ben Yehuda.

em Jerusalém. Ele decidiu que ele se encarregaria de reuni-los e uni-los para que esses grandes objetivos pudessem ser alcançados. Ele se tornaria um religioso!

ELIEZER E DEVORA TORNAM-SE ORTODOXOS

Embora admitindo reservadamente que muitas das tradições judaicas eram arcaicas, e outras não tinham nada a ver com a Torá ou com o judaísmo, ele e Devora tomaram para si o jugo da Torá, mantendo uma casa kosher, observando o sábado e os Feriados, indo à sinagoga e observando as tradições do judaísmo. Ele deixou crescer cachos nas costeletas e uma barba longa. Ele orava todas as manhãs com seu talit e filactérios. Ele achava que a disciplina religiosa seria um agente de união entre os judeus em todos os lugares. Valia tudo para reunir os judeus de Jerusalém!

Mas, coitado! Os ortodoxos viam Ben Yehuda como um pagão e inimigo do povo judeu porque ele estava contaminando a linguagem sagrada da Bíblia usando-a como lingua-

gem do cotidiano. Eles não podiam imaginar usar essa linguagem para dizer: “Retire o lixo!” E eles se tornaram inimigos ferozes e violentos de Eliezer por toda a vida.

A família Ben Yehuda mudou-se para a primeira casa que alugariam. Ela dava de frente para o “Muro das Lamentações”, mas eles tinham que atravessar sete pátios sujos, com entulhos até os tornozelos, para chegar até ele. E para chegar aos seus aposentos era necessário subir por uma escada de corda.

SOZINHOS EM JERUSALÉM

O que era ainda mais deprimente era que ele e Devora tinham poucos amigos em Jerusalém. Havia um casal que dirigia uma instituição de caridade judaica da Inglaterra, Michael Pines e sua esposa, que se tornaram amigos de Eliezer e Devora. Por terem tido uma educação religiosa (mas não extrema), eles sabiam o suficiente de hebraico para se comunicarem. Os quatro fizeram um pacto de conversarem apenas em hebraico entre si. Para Ben Yehuda, sempre o visionário, “aquela noite foi o início do renascimento do hebraico como língua falada comumente na Terra dos Patriarcas!”

Mas ele devia ter imaginado. Seu empregador hassídico, Dov Frumkin, odiava os Pines porque eles faziam parte da corrente anti-hassídica. E, para Devora, que estava absolutamente proibida de falar em qualquer outra língua, ela se via sozinha a maior parte do tempo. Ela passava o tempo praticando palavras e frases que Eliezer escrevia para ela. Ela esperava até ele voltar para casa depois do trabalho à noite para mais uma aula de hebraico.

A comunidade de 16.000 judeus em Jerusalém era uma “geração de separação”. Cada pequeno grupo falava a língua da terra de onde viera, isolados uns dos outros. Seus vários rabinos asquenazes (da Europa) tinham o maior desdém pelos judeus sefarditas (das terras islâmicas). E cada pequena comunidade falava sua própria língua.

ROTHSCHILD INSISTE NO FRANCÊS EM SUAS ESCOLAS

O Barão Edmond Rothschild foi o maior filantropo dos dias pré-nação de Israel. Através de sua organização de caridade, a Alliance Israelite Universelle, ele comprou propriedades para colonos próximas a Jaffa, deu aos agricultores vinhedos e vinícolas de uvas francesas e construiu uma escola em cada novo assentamento.

prática. Rothschild queria preparar esses alunos para poderem funcionar em qualquer parte do mundo.

A VISÃO

Mas a visão de Ben Yehuda era completamente diferente: a ressurreição da terra e da língua do povo judeu. Anos depois, ele escreveu:

Parece que na história das nações há



Mas, para ele, o renascimento do hebraico como língua nacional era apenas um sonho! Na verdade, toda aquela ideia de multidões de judeus fazendo aliyah [imigrar] para Israel era pura fantasia. Sim, ele ajudaria os pobres na Terra Santa, mas o barão francês exigiu que o francês fosse ensinado como a língua principal em todas as suas escolas! Ele simplesmente via o hebraico como uma língua morta.

Eliezer escreveu um artigo pungente, um chamado à guerra contra a Alliance de Rothschild, na qual ele o via como um perigoso inimigo de todo o conceito de um avivamento nacional na terra de Israel. Sim, a Alliance era

momentos em que os realistas não conseguem governar adequadamente; e somente os sonhadores, aqueles que não levam em consideração os fatos, conseguem atravessar a fronteira inexpugnável da realidade para criar uma realidade melhor para a nação!

Ben Yehuda tinha um sonho e uma paixão. Era tudo o que ele tinha. ■

Continua no próximo mês - Shira Sorko-Ram

Fontes:

Cumprimento da Profecia, Eliezer Ben Yehuda, de Eliezer Ben Yehuda (neto) 2008; Língua dos Profetas, A História da Vida de Eliezer Ben Yehuda, de Robert St. John 1952; <https://goo.gl/MVmMUK>; <https://goo.gl/8r29uN>

Levando a Verdade Sobre Israel Pelo Brasil

Ari Sorko-Ram



Quando eu saí pelo portão de desembarque do Aeroporto Internacional de São Paulo, fui recebido pelo nosso amigo fiel e de longa data, Luiz, que está com Maoz já há muitos anos. Embora ele seja o diretor de uma escola e tenha muitas outras responsabilidades, ele doa livremente seu tempo para abençoar Israel através do Ministério Maoz Israel. Foi um grande momento de companheirismo, enquanto ele compartilhava comigo a alegria das muitas igrejas por todo o Brasil que aguardavam a minha visita.

Depois chegou Anderson Barreto, nosso extraordinário diretor nacional brasileiro, e conversamos sobre alguns dos objetivos da nossa viagem. Então, Anderson e eu pegamos outro avião para a cidade de Salvador.

Enquanto viajavamos de cidade em cidade e igreja em igreja, havia uma coisa em comum em cada uma delas. Todas elas tinham uma visão positiva de Israel e estavam gratas por alguém de Israel ter vindo para lhes apresentar uma razão bíblica para permanecerem ao lado de Israel. Fiquei impressionado com a quantidade de jovens que havia em cada ministração.

Outro momento abençoado aconteceu em duas ministrações diferentes. Quando eu terminei de compartilhar e ensinar, muitas pessoas foram à frente em busca de salva-

ção na hora do apelo. Se eu tivesse ido ao Brasil apenas para esse propósito, já teria valido a pena.

Duas das igrejas em que eu falei tinham dezenas de milhares de membros. Foi um grande incentivo vê-los abraçando Israel com informações recém-recebidas e uma alegria renovada.

Nossa última parada foi na cidade de Manaus, uma cidade de 2.500.000 pessoas no meio da selva amazônica. O apóstolo René Terra Nova nos recebeu como família e nos abriu as portas da sua igreja e nós conseguimos mostrar o coração de Deus para com Israel para eles através do ensino da Palavra, da graça e do mover do Espírito Santo.

A resposta foi muito positiva e as ministrações foram transmitidas para todo o Brasil “ao vivo”. Nós conseguimos impactar centenas de milhares de pessoas ao mesmo tempo através da Internet.

Enquanto Anderson e eu esperávamos juntos pelo nosso último voo de volta para casa, cada um para sua própria cidade, ficou claro para nós dois que o povo brasileiro estava abrindo seus corações para Israel e que começaríamos a ver muitas novas oportunidades para nossos dois países trabalharem juntos para promover os planos de Deus para Israel e para o Brasil. ■



Da esquerda: o diretor Anderson Barreto, Ari Sorko-Ram



Igreja Batista Sião, pastor Ishmail, Bahia.



Igreja Batista Caminho das Árvores, em Salvador, do bispo Átila Brandão.



Coordenador da Maoz Brasil, Anderson Terra Nova, com o apóstolo Renê Terra Nova.



Ministério Internacional da Restauração, Manaus, apóstolo Renê Terra Nova.

Vocês podem ofertar nas seguintes contas da Maoz:

Banco Bradesco - AG. 0157-0 - C/C 64.924-4 CNPJ: 04.810.355/0001-05
Banco do Brasil - AG. 0203-8 - C/C 14.206-9 CNPJ: 04.810.355/0001-05

Outubro de 2018

Queridos Parceiros do Maoz,

Nós vivemos para o dia em que o avivamento chegará a esta terra! Multidões de multidões receberão Yeshua, o Cordeiro Sacrificado, e aprenderão como adorar e orar ao Ancião de Dias de Israel.

Deus está preparando esse dia. E para nós é muito claro o porquê, "de repente", nossas crianças incrivelmente talentosas têm ansiado adorar e louvar ao Senhor de uma forma que magnifica o Deus de Israel.

Neste momento em que estamos preparando esta edição do MIR, já alcançamos a nossa meta de ter 60 crianças inscritas no programa Music Making for Kids - com idades entre 7 e 18 anos!

Este ano nós nos comprometemos a investir US\$ 38.500 neste programa e até o momento já recebemos US\$ 13.000 dos nossos parceiros em todo o mundo, mas ainda faltam US\$ 25.500*.

A grande imigração de judeus russos nas últimas duas décadas aumentou grandemente a qualidade dos músicos em Israel. Na verdade, muitas das crianças matriculadas no MMFK são de famílias crentes que vieram da antiga União Soviética. Elas têm uma cultura musical e nós podemos fornecer os recursos para dar a essas crianças a oportunidade de se tornarem o que Deus tinha em mente quando elas foram criadas!

Este é exatamente o momento de investir em nossas crianças para ver seus dons e talentos se desenvolverem para a Glória de Yeshua e para abençoar a comunidade judaica messiânica em toda a nossa nação!

Pela salvação de Israel!

Ari e Shira Sorko-Ram